

# **ADARA, CONFISSÕES DE UMA ÓRFÃ**

Nome: Isabelle Bonini Gabbi

Idade: 9 anos

4º ano - T: 42 – Colégio Estadual Três Mártires

Palmeira das Missões – RS



# **Dedicatória e agradecimentos**

Dedico este livro aos meus pais Márcia e Luiz; à minha irmã Emmyli e à vó Ignês; à diretora do Colégio, Aline Cezar, à vice-diretora, Viviane Azeredo, e à professora, Josiane Santos; à Mônica Timm, da plataforma Elefante Letrado; ao coordenador Regional da 20ª CRE, de Palmeira das Missões, Marcos Hivan; ao secretário de Estado da Educação, Faisal Karam, e em especial ao governador do Estado do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite.

Muito obrigada por acreditarem em mim!



# Prefácio

Isabelle, sabe-se que uma vida cultural intensa só é conquistada quando muitos e diversos textos passam a fazer parte da rotina da gente. Os livros ampliam o nosso mundo, fazendo-nos conhecer outros lugares e tempos, entender outros pontos-de-vista, imaginar realidades diversas.

És uma criança povoada por muitas histórias. São tantos os personagens que conheces...Vem daí tua necessidade de escrever: da inquietação com tantos enredos, da preocupação com o sentimento dos outros, da tua vontade de criar novos mundos.

Teu livro é, para o Elefante Letrado, a certeza de fazer um trabalho que vale muito! Vale pela tua realização como jovem escritora, vale pelas tuas futuras conquistas, vale por termos conhecido uma menina fascinante, vale porque não há nada mais lindo do que fazer uma criança sonhar.

Mônica Timm de Carvalho  
Plataforma de Leitura Elefante Letrado



# **Apresentação**

Com muito orgulho e satisfação apresentamos o primeiro livro da nossa pequena Isabelle, aluna do Colégio Estadual Três Mártires, de Palmeira das Missões. Após um trabalho realizado pela Elefante Letrado, nossa grande parceira nessa jornada de aprendizado, Isabelle nos surpreende com uma obra profunda e complexa. Estamos todos encantados.

A escrita e a leitura têm um poder transformador. Nossas escolas públicas são ricas em iniciativas que inspiram, como essa da Isabelle. Nossos alunos tem uma enorme capacidade de invenção, tem sensibilidade e querem inovar e empreender.

Que esta obra seja apenas o início da trajetória dessa grande menina! Desejamos sucesso! Boa leitura!

Faisal Karam  
Secretário de Estado da Educação







Adara! Este é meu nome, estou viva para contar minha história ao mundo e isto é um milagre!

Sou apenas uma garota órfã de pais, com nove anos, morei até meus oito na Síria, no município de Latakia, onde estudava e podia estar na presença de meus amigos Mouma, Maarat e Kaled, juntos nos divertíamos.

Em meu país iniciaram-se muitos confrontos, lutas pela chefia do poder; a guerra se instalou e a Al-Qaeda queria dominar o território todo. Quase tudo lá foi destruído, só se ouviam estrondos enormes, causados por bombas de barril, mísseis e armas de grosso calibre.

A escola, meus amigos, meus vizinhos, minha casa, vi tudo ser arruinado, apenas minha vida foi poupada, além de outras pouquíssimas pessoas. Fato que me vem em mente com grande tristeza foi a perda de muitos amigos e familiares, destes nem pude me despedir, pois também estava lutando para não morrer.

Eu e meus pais Aisha e Said, desesperados, desorientados e desabrigados, apenas com a roupa que estávamos vestindo fomos recolhidos para o acampamento de Oah, perto da fronteira com a Turquia.

Nos deram uma barraca e algo para comer e beber, só via pessoas chorando de tristeza ou dor física causada pelos ataques terroristas.

A população de lá estava sofrendo desnutrição, cólera e muita fome, um verdadeiro caos.

Por um momento, senti um vazio tão forte de ter perdido muitos dos que eu amava e também os meus bens materiais, minha casa, meus brinquedos, fotos e outras recordações do meu passado, infelizmente tudo isso teve que ficar para trás e precisei prezar apenas pela minha vida e a de minha família.



De súbito, paralisei meu olhar ao longe e avistei um garoto, que me parecia familiar, fui me aproximando e surpresa pude reconhecê-lo, era meu amigo Kaled, deitado sobre um colchão todo machucado e dolorido, havia perdido suas pernas em uma das explosões, estava lá com sua família tentando o ajudar, mas sem nenhum atendimento médico; teriam eles que encontrar um hospital rapidamente. Naquele instante como um filme em minha cabeça, recordei-me do que Kaled mais gostava de fazer: jogar futebol; arteiro, desinquieto, o que seria de sua vida agora?

Só Allah poderia o ajudar; o abracei fortemente e disse o quanto sentia e estava triste com aquela situação trágica.

Os meus dias seguiam no acampamento em meio a toda aquela desgraça.

Certa manhã acordamos com um grupo planejando uma fuga em massa, queriam fugir usando o mar Mediterrâneo; então durante a noite nos dirigimos o mais rápido possível para as proximidades do mar, de maneira muito discreta, pois nenhum soldado podia nos ver; lotamos um bote e nos lançamos em uma aventura pela sobrevivência; sem saber para onde iríamos realmente. Navegamos dias e noites a fio, a fome nos abatia, estávamos debilitados, derrotados pelo abandono e à deriva da vida. Já nem sabia quanto tempo havia transcorrido, estava fraca e com muito medo, quando mais que de repente, no silêncio do mar, vi e ouvi bombas aéreas sendo lançadas sobre nós, o pavor então aumentava, alguns pensando em se salvar pularam do bote, eu não sabendo o que fazer deitei-me e permaneci ali, toda encolhida, o desânimo tomou meu corpo!

Os atiradores foram embora, foi aí que olhei em volta e não mais vi, muitos daqueles que estavam comigo, perdi meus próprios pais, todos afogados, pois naquele momento o mar estava agitado e a chance de sobreviventes era mínima. Eu não sabia nadar, então simplesmente sem ação, deixei as lágrimas brotarem de meus olhos; chorei, chorei e meu coração endureceu, percebi que talvez logo iria morrer também, calei-me então...

O bote permaneceu a navegar e a navegar, mais uma noite tinha chegado, o vento frio me torturava, nos aproximamos uns dos outros para nos aquecer e assim adormecemos.

Novo dia raiou, olhei ao longe e avistei terra firme, fiquei contente, vi ali, uma pequena chance de vida que antes não via.

Fomos encontrados e resgatados pela Marinha espanhola, a qual nos acolheu e nos deu assistência. Nos levaram para a imigração do País, onde permanecemos por alguns dias até nos recuperarmos, lá estavam muitos outros imigrantes fugitivos de guerras.

A Espanha vinha recebendo refugiados, então nos colocaram em um navio que foi distribuindo aos poucos por vários países nossos conterrâneos.

Eu vi pessoas que conheço, vi estranhos e lá estava eu, sozinha no mundo, apenas esperando ver onde chegaria.

Me deixaram juntamente com outras pessoas no Brasil, em um instituto chamado Cáritas Brasileira, este ajuda muitas pessoas, inclusive imigrantes refugiados.

Quando cheguei, todos me observavam com piedade, baixei meus olhos e silencieei, foi aí que vi muitas crianças, tão tristes quanto eu, então pude dividir meu sentimento. Nada me faria superar aquela perda toda, mas sofrer é algo normal para quem viveu na guerra.

Fui bem acolhida, as pessoas lá eram boas e nos tratavam com amor; tínhamos comida, roupas, higiene e aconselhamento com psicólogos. Não foi fácil, mas eu, na imensidão de solidão interna, aprendi aos poucos a lidar com a realidade nova.

Dia por dia, hora por hora, a vida ia se mostrando uma dura verdade para mim.

Fiz amigos, pessoas de muitos lugares diferentes, todos na mesma dor, como André, Sara, Soraia, Zaki, Zarina... passávamos tempo juntos e podíamos interagir uns com os outros de todas as formas.

Eu estava há quase um ano no Cáritas, foi quando comecei a frequentar a escola, pois já tinha bom domínio da língua portuguesa, tínhamos uma professora ótima nesta área, que nos auxiliava muito.

No dia 30 de janeiro de 2013, foi meu primeiro dia de aula na escola Marechal Floriano em São Paulo; os meus colegas, ao contrário do que imaginei, me receberam com admiração e respeito por terem conhecido minha história e eu estar superando todo aquele sofrimento; ao tocar o sinal, na hora do recreio, fiquei meio perdida, mas tive o auxílio de algumas colegas, que me mostraram toda a escola em detalhes.

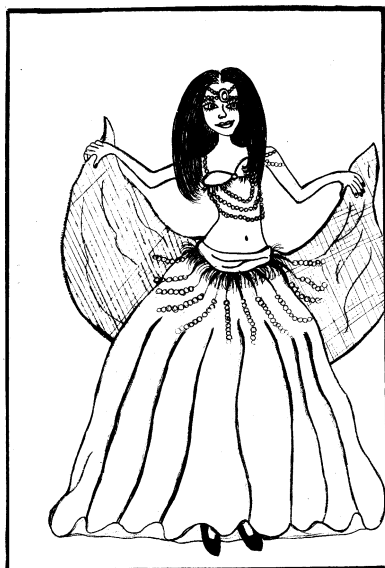
Usei uniforme pela primeira vez, mas ainda vesti o hijab (véu que costumamos usar seguindo as leis do Alcorão, que aprendi com meus pais na Síria), aos poucos estava me adaptando com os costumes brasileiros, porém mantive o véu, pois ele me trazia lembranças boas da minha terra. As meninas do colégio eram bem extrovertidas e participavam de tudo, assim como os meninos, todos diferentes das crianças do meu país.

As aulas eram dinâmicas e pacientemente eu estava aprendendo os conteúdos; os professores atenciosos, respondiam todas as minhas dúvidas.

Os dias de aula seguiram e eu estava me adaptando muito bem; sentia-me confortada em meio a tantos amigos; a saudade da minha família era muito grande, ainda um vazio em meu coração, são seria fácil preenchê-lo. Mas a vida precisava continuar e eu estava disposta a lutar por isso.

Certo dia a direção da escola organizou um concurso de talentos e avisou a todos os alunos para se prepararem, meio surpresa, no começo pensei em nem participar, pois eu era um pouco tímida, no entanto lembrei-me da dança do ventre, esta eu tinha habilidade desde pequena, aí decidi arriscar; minhas amigas me incentivaram bastante e vários alunos se inscreveram também, as apresentações seriam bem diversificadas; não custava tentar, iria me distrair um pouco.

O grande dia finalmente tinha chegado, fiquei muito nervosa e com aquele friozinho na barriga, mas ainda bem que eu era a última a apresentar e aí podia ficar mais calma; minhas amigas me emprestaram algumas maquiagens e como eu não sabia usar muito bem, passei um batom e um blush apenas, mas ao final fiquei bonita; o instituto Cáritas, meu querido, me emprestou uma roupa de dançarina e lá fui eu; lembrei de quando era pequena e minha mãe me levava para ter aulas de dança na Síria, eu amava dançar, achava a roupa graciosa e a dança misteriosa.



Todos os alunos se apresentaram e como eu já sabia fui a última, ao terminar minha dança todos aplaudiram fortemente, acho que gostaram! Todas as crianças tinham talentos lindos e o júri foi bem severo; quando o resultado foi dado nem acreditei,



eu era a primeira classificada, estava orgulhosa de mim mesma e pela primeira vez fiquei um pouco feliz; recebi um curso de informática como prêmio e aproveitei muito ele, aprendi coisas que não sabia e precisava para meus estudos.

Quando voltei ao instituto, todos me parabenizaram e tive outra notícia inesperada: meus documentos estavam todos corretos, agora eu era uma imigrante legal no Brasil; também me disseram que eu estava em uma fila de adoção e um dia, quem sabe, seria adotada. Senti-me feliz e ao mesmo tempo amedrontada por saber que tudo mudaria novamente se isso ocorresse.

Como eu não tinha escolha, deixei a vida me levar e só pedi a Allah que me guiasse por bons caminhos.

No instituto comecei então a receber a visita de três casais, que se interessaram pela ideia de minha adoção, todos eram gentis, porém com Sofia e Miguel me senti mais acolhida e amada. Eles me visitavam bastante e quando já tinham um conhecimento prévio de mim, resolveram me convidar para passar um final de semana na casa deles. Fiquei um pouco insegura, mas aceitei o convite. A casa deles era muito bonita, parecia um sonho, tinha dois andares e era bem aconchegante; eles também tinham uma cachorrinha super dócil que se chamava Melanie, era da raça “Lulu da Pomerânia” e substituíva o lugar dos filhos do casal, pois a mulher não podia engravidar.

Me receberam com grande alegria e fizeram um bolo para comemorar a minha presença.

Eu gostei muito do passeio lá, sabia que não iria receber bolos todos os dias, mas continuei supercontente com a acolhida.

A casa ficava bem próxima a escola, então Sofia me levou lá.

Quando cheguei na escola, minhas amigas me interrogaram sobre minha visita no final de semana, contei tudo a elas, ficaram impressionadas e me incentivaram a ir morar com eles; eu até estava gostando da hipótese.

Passavam-se dias, ia criando um vínculo cada vez mais forte com a família e os parentes deles, as visitas eram frequentes e cada vez mais receptivas.

Em um sábado de manhã, recebi um chamado da direção do instituto, eu havia recebido uma carta que dizia:

- Olá, querida Adara. Eu e Miguel estamos pensando em te convidar para irmos no parque aquático “Vale Encantado”, para que você se divirta nas férias de verão; o que acha da ideia?

Era Sofia a me fazer um convite especial; li com muita empolgação e aceitei na hora, liguei e avisei-a.

O ano já tinha finalizado, passei com notas boas, pois havia me dedicado bastante nesse período, assim estava livre para aproveitar minhas férias.

O dia da viagem marcada chegou, bastava somente me despedir de todos os amigos do Cáritas e assim o fiz; reuni meus documentos e arrumei uma mala com meus pertences necessários, viajamos trezentos quilômetros e conhecemos outros lugares lindos de São Paulo durante o caminho.

Quando encontramos o destino, paramos em um restaurante para jantar e nos hospedamos no hotel do parque para passar a noite.

Eu estava um pouco cansada da viagem na manhã seguinte, porém bem ansiosa para aprender a nadar, pois isto era desconhecido para mim, queria curtir muito; tomamos um café da manhã com direito a tudo de mais gostoso, descansamos na sala do hotel, conversamos, trocamos carícias e conhecimentos sobre o Brasil e a Síria; o tempo passou rápido e quando nos demos por conta, já era hora do almoço; fomos rapidamente almoçar para depois aproveitarmos as piscinas. À tarde, eu e Sofia colocamos nossos maiôs, ela havia comprado para mim; ficamos parecidas, era todo listrado, um charme, estávamos lindas, passamos protetor solar e agora prontas, chamamos Miguel para irmos.

O parque era enorme e cheio de brinquedos, nem sabia como funcionavam todos, eles, pacientes, me mostravam tudo.

Logo chegaram Vitória e Bia, de onze e quatorze anos, as sobrinhas do casal, eles as tinham convidado; elas me cumprimentaram e foram muito simpáticas, fizemos amizade facilmente; eram bonitas e dispostas. Miguel, pediu a elas para que me ensinassem a nadar, então nos olhamos e no mesmo instante fomos às práticas; nos divertimos muito, rimos e eu descobri que precisava perder o medo, assim nadar não seria difícil. Foi um dia incrível, mas o sol já ia se pondo e as meninas precisavam ir; nos despedidos então.

Parei próximo à piscina, sentei-me quieta e por um momento lembrei-me de meus pais, saudades vieram à tona, pensei no quanto eles gostariam de me ver feliz; eu aqui viva, enquanto que... Sofia percebendo que eu estava sentida aproximou-se e me abraçou, ela entendia que estava sendo duro para mim; dialogamos um pouco, sabia que precisava deixar o passado e acreditar num futuro melhor; mas era questão de tempo apenas.

Permanecemos no parque até o final de semana, foram dias inesquecíveis e aprendi muitas coisas novas e pude desfrutar da presença de Sofia e Miguel que foram maravilhosos comigo.

Miguel era um homem bom, de princípios, assim como era meu papai, acreditava em Deus, nosso Allah e o seguia em seus mandamentos; honesto e trabalhador, amoroso e respeitoso com Sofia e isso me fazia feliz em ver.

Já Sofia, querida, sempre muito doce, amiga, carinhosa, comprometida a me fazer feliz, a me sentir protegida e amada. O que nos impedia de estarmos juntos? Na minha opinião, nada.

Retornamos para a casa deles após a viagem e me levaram ao instituto, como deveria ser feito pela lei, porém minha vontade era poder ter ficado com os dois; o que nos distanciava era apenas a parte burocrática. Lá chegando, eu contei todas as novidades para meus amigos Sara, Zarina, Zaki e Soraia que ficaram doidos para ir também; mas não tiveram oportunidades, eles saíam por vezes em teste de adoção, mas era mais raro; a adoção de crianças maiores no Brasil é mais difícil, os candidatos a pais preferem bebês menores ao invés de crianças maiores e isso diminui muito a adoção; torço muito para que eles consigam uma família e um lar amoroso, pois são lindos, inteligentes e com muito afeto para dar e receber. As crianças eram de outros países, mas o pequeno André era do Brasil, todos tinham uma história de sofrimento e abandono e lutaram para viver. Soraia, Zarina, Sara e Zaki fugiram da guerra e da fome, assim como eu; mas André me deixava triste quando contava sua lamentável história. Hoje ele tem oito anos, mas foi abandonado com cinco anos, em um ponto de metrô, largado

sozinho, sem nada e só com a roupa do corpo e de pés descalços; sua mãe, contou-me ele, que era usuária de drogas, viciada em crack e mal sabia quem ela era, pois a droga havia tomado conta dela e a deixava desorientada; “me deixou e foi”, dizia o pequeno com lágrimas no olhar; já não o enxergava mais, não o alimentava e nem sequer o amava; vivia em um mundo só dela, um mundo de alucinações, André chorava ao relatar tudo; pobrezinho; pai ele nem sabia quem era, sentia-se só num mundo gigantesco. Nós o abraçávamos e o acalmávamos, mas no infinito do seu coração víamos o seu sentimento de dor, ele era apenas um garotinho indefeso; que duro deve ter sido a ele. O Cáritas o encontrou já bem desnutrido e o recolheu; hoje vive à espera de um lar e de uma família que o acolha.

Cada criança que é adotada é uma a menos que sofrerá as adversidades da vida neste mundo difícil que está se desenhando; adotem por amor e salvem vidas!

Enquanto aguardava o meu processo, fiquei muito ansiosa, tudo era lento, muito lento, mas sabia que daria tudo certo. Os dias iam passando e as aulas logo retornariam, eu e meus amigos passávamos o tempo todo juntos, brincando, conversando e planejando um futuro melhor.

Era dia dezoito de fevereiro, as aulas começariam dia vinte e oito, eu já havia ganhado meu material e fui organizando tudo, pondo nome e demais dados, inventei capas bonitas com

os nomes das disciplinas, nomeei os lápis, canetas e o restante que utilizaria, estava feliz, mais forte e acreditando que todo o meu sofrimento já estava se desfazendo. Meus amigos também receberam seus materiais e o organizaram; estávamos prontos para iniciar um ano escolar.

Faltavam apenas dois dias para começar as aulas, quando o telefone tocou e me chamaram logo em seguida, estavam com a cara dura, ar de que coisa boa não era; fui rapidamente lá e perguntei o que acontecera; porém para minha surpresa, todos começaram a gritar de alegria, pularam, me abraçaram e só aí me deram a esperada notícia; você vai ser adotada pela Sofia e pelo Miguel. Meus olhos e meu coração não aguentaram tanta emoção, me coloquei de joelhos e chorei muito, um filme passou ligeiramente pela minha cabeça, lembrei de tudo novamente, de meus pais, de minha história passada, minha experiência sofrida e é claro que aí pensei em agradecer imensamente pelo milagre da vida, a Allah por tudo de bom que vinha me acontecendo. Olhei rapidamente para as pessoas do Cáritas que estavam ao meu lado e logo corri para um abraço coletivo; sim, agora era real, eu seria adotada! Mal podia aguentar, tamanha era minha felicidade e gratidão; em breve estaria com meu casal querido.

No dia seguinte, bem cedo, meus novos pais, vieram me buscar, todos os amigos e os membros do Cáritas gentilmente me auxiliaram a organizar, recolher e guardar meus pertences;

fiz minha mala, estava um pouco nervosa, sabia que minha rotina mudaria completamente, um lar novo, família, pais e costumes diferentes, precisaria sim, me adaptar. A despedida foi emocionante, recebi cartas, desenhos, beijos e muitos abraços, o carinho por mim era grande e seguramente voltaria para visitá-los, pois, nossa amizade era muito bonita.

Felizmente partimos, o caminho não era longo, quando chegamos, descemos do carro; parecia que Sofia trazia algo em sua mão; era uma venda, ela queria me fazer uma surpresa, foi me guiando e em um momento descobriu meus olhos; parecia um sonho, estava diante de um quarto lindíssimo, todo decorado com o tema “dança do ventre”, muito colorido e de bom gosto; em cima de minha cama, avistei um bonito pacote de presente, pediram que eu o abrisse e assim o fiz; fiquei muito surpresa, era um lindo traje de dança do ventre, com cores em tons de azul, minha cor predileta; agradei a eles e disse que tudo era maravilhoso.

Após tantas adaptações, finalmente as aulas começaram, eu estava eufórica. Mamãe me fez um lindo penteado e colocou-me um uniforme novinho e bem cheiroso; não senti necessidade em colocar o véu pela primeira vez, pareceu-me um tanto estranho, mas essa adaptação foi necessária. Como brasileira agora deveria me vestir como as meninas daqui.



Na escola, iniciei meu quinto ano, estava muito feliz, meus colegas antigos permaneceram em minha turma e alguns novos vieram, minhas amigas, assim como eu estavam cheias de saudades; trocamos ideias e novidades. André, Sara, Soraia, Zaki e Zarina também estudavam em minha escola, assim podia vê-los todos os dias.

Meus professores novos pareciam bastante empenhados a nos ensinar, sabia que o esforço principal deveria partir de mim, desta forma obteria um bom resultado.

Ao final da aula, mamãe veio me buscar, fui ao encontro dela e voltamos para casa, o almoço estava pronto, ela tinha uma moça que ajudava, chamada Dora que cozinhava muito bem, era simpática e gostava de crianças. Papai chegou faminto do trabalho, me deu um abraço, conversamos sobre o meu colégio e a seguir fomos almoçar. Ali, ia vivendo os melhores momentos da minha vida. Pela tarde, permanecemos eu, Dora e Melanie, meus pais foram trabalhar; curti a cachorrinha e brincamos muito, Melanie era espoleta; logo fui fazer minhas lições e não me cansava de observar meu quarto novo, parecia estar em um conto de fadas.

Tinha apenas que me dedicar mais intensamente às aulas de português, pois me era um tanto difícil ainda, não havia perdido meu sotaque sírio, mamãe estava me auxiliando com isso e aos poucos iria aperfeiçoando.

Minha rotina era casa e escola em dias de semana e aos finais de semana, íamos passear; conheci parques, restaurantes, museus, teatros, cinemas e muitos lugares legais. Incrível mesmo é que conheci meus novos familiares, tios, primos e que ganhei avós de ambas as partes e esses foram muito receptivos a mim, me tratam como neta desde o princípio; brincalhões e contadores de história, amei demais eles, me faziam muito alegre.

Mamãe, certo dia, conversava com papai e eu, sem querer ouvi tudo; dizia que eu fui a maior benção que ela havia recebido e que seu sonho poderia ficar ainda melhor; papai quis saber como, baixinho falou que gostaria de adotar um menino também, papai olhou, parou, pensou e disse que sentia a mesma vontade; os dois se abraçaram e sorriram.

Estava eu a um passo de ter um irmãozinho? A felicidade tomou conta do meu peito, mas calei-me e não deixei que me vissem, esperei que me falassem se fosse a vontade deles e não fui intrometida.

Dias e dias foram passando e em um deles meus pais me chamaram para ter uma conversa importante; eu já desconfiava, mas esperei eles me falarem; papai me olhou firmemente, pegou em minha mão e disse para mamãe falar; ela muito comovida pronunciou quase que em um sussurro só:

- Minha pequena o que você acha de ter um irmãozinho?  
Eu já sabendo do assunto, respondi sem papas na língua, o quanto ficaria feliz com isso; surpresos pela minha franca resposta os dois se olharam e então, nos abraçamos fortemente. Eles, a partir daquele instante, iriam lutar novamente pela guarda do menino que encontrariam. Unidos fomos a procura em diversas instituições, mas o caminho era adverso e longo, vimos muitos meninos lá, mas o que buscávamos era alguém com dificuldades mesmo, que pudéssemos ajudar concretamente. Às vezes eu ia junto, por vezes não, a espera era angustiante. Meses e meses foram passando, eu seguia minha rotina, assim como meus pais, nada parecia mudar, o amor deles por mim só aumentava e eu retribuía da mesma forma, éramos grudados, amigos e mantínhamos uma relação muito gostosa e respeitosa. Meus pais trabalhavam intensamente, mesmo assim tinham tempo para mim, conversávamos muito e sobre tudo, me ajudavam com as tarefas e queriam ver o meu êxito; por isso, certo dia, contrataram aulas de dança do ventre para mim, a professora era ali do nosso bairro mesmo e muito legal, eu adorava os ensaios e ia adquirindo muitos movimentos novos; só carecia agora um companheiro para brincar comigo e dividir confidências, um irmão.

Certa vez, voltei da escola e minha mãe me disse, para que almoçássemos rapidamente naquele dia, pois visitaríamos uma possível criança a ser adotada, era síria como eu e possuía

deficiência (não tinha as pernas). Ao ouvir isso fiquei um tanto chocada, mas meu coração encheu-se de amor. Pela tarde fomos lá; na chegada, fomos recepcionados pela coordenadora da entidade, que muito prestativa nos levou para conhecer as crianças. Eu ao avistá-las, tive a sensação de ter voltado no tempo, tão tristes e sozinhas, que me entristeci também; quis saber de suas origens; quando por fim nos chamaram para conhecer o menino, ele estava em outra sala nos aguardando; curiosa como eu só, fui logo perguntando como era o nome do garoto, antes mesmo de chegarmos, a coordenadora sorriu dizendo que era um nome bastante incomum, Kaled; não acreditei quando ouvi, calei por instantes, pensei ter ouvido mal e pedi a ela para repetir, o nome era este mesmo, seria aquele Kaled que eu conhecia? Não podia crer nesta coincidência. Chegamos ao local onde ele estava e ao virar-se para nós, vi aqueles olhos negros vibrantes, era meu amigo querido de infância, olhei-o e pedi se lembrava de mim, quase nem conseguiu falar, mas um breve sim saiu de sua boca. Fiquei paralisada, abatida pela situação que ele estava, mas alegre, pois o tiraria dali e o teria como irmão, tudo era tão inusitado e ao mesmo tempo tão bom que parecia irreal, Kaled pediu que me aproximasse e então nos abraçamos, como quando éramos pequenos, tudo intenso e verdadeiro, amor de irmão, sem ter o mesmo sangue; nos conhecíamos profundamente.

Sofia e Miguel meus pais, não podiam acreditar nesta cena inusitada, lágrimas corriam de seus olhos e ali viam a resposta para o que vieram buscar; era ele meu novo irmão. Amor para uma vida inteira é o que nós dois iríamos ter, juntos na luta pela vida, que nos foi dada novamente. Olhei em direção aos meus pais e eles compreenderam, apenas balançaram a cabeça em sinal de afirmação, tão emocionados estavam.

Os papéis começaram a ser encaminhados, sabia que demoraria. Visitávamos ele toda a semana e já estávamos familiarizados; coitadinho, sem suas pernas, precisava da cadeira de rodas e muita ajuda, mas mesmo com sua dificuldade era feliz; perdeu a todos e foi trazido para cá como eu; nos restava aprender e ensinar um com o outro. O destino nos uniu e precisávamos agradecer sempre por isso.

Passaram-se alguns dias, mamãe chamou minhas primas e primos, faríamos a “noite do pijama”, fiquei bem empolgada, ajudei minha mãe com o jantar, que ficou delicioso. Não entendia ainda o porquê disso, mas minha mãe explicou-me que convidaria Kaled para que ele interagisse com seus novos primos.

A noite se aproximava e pouco a pouco todos iam chegando. Kaled veio com sua coordenadora, que o deixou em minha casa. Muito educado saudou a todos. Logo jantamos; fomos a seguir para a sala, onde assistimos um filme: “Archie e

o cão robô”, todos gostaram muito do filme, comemos pipoca e fizemos aquela bagunça; organizamos cabaninhas até mesmo na sala e guerreamos com os travesseiros; em seguida exaustos, adormecemos. Caí em um sono profundo e tive um lindo sonho, nele existia um mundo todo colorido, repleto de carinho e doçura, onde somente pessoas bondosas habitavam e não existiam guerras; de repente sinto algo tocar meu cabelo, que pena! Era mamãe me despertando; infelizmente não pude terminar de imaginá-lo. A criançada foi acordando, com a cara toda amassada, pois a noite tinha sido agitada, repomos então as energias com um saboroso café da manhã. Meus tios logo chegaram para buscar meus primos; enquanto que Kaled ficou à espera da moça que o trouxe. Juntos, curtimos mais um pouco do tempo, ele estava feliz, adorando sua futura família; logo a coordenadora chegou para buscá-lo, Kaled queria ficar, mas não seria possível, despedidas foram realizadas e com certeza repetiríamos tudo novamente.

Decorreram-se alguns meses e eu seguia meu dia a dia; isso só mudaria quando meu irmão viesse morar conosco. Seu processo de adoção estava avançando rapidamente e eu cada vez mais ansiosa para tê-lo comigo, mas precisava ser paciente.

Era manhã, dia primeiro de junho, quando recebemos a oficial de justiça em nossa casa, ela nos trazia os papéis já finalizados do processo de adoção, bastava apenas a assinatura

perante o juiz; imediatamente meus pais a acompanharam para este fim.

A partir deste momento, Kaled seria meu irmão, meu peito chegava a doer, tão feliz eu estava, não via a hora de buscá-lo no instituto. Pela tarde, fomos até lá, não aguentei, entusiasmada fui chamando ele logo na entrada, suas amigas o trouxeram até nós e eu pude com imenso prazer, comunicar a decisão a ele. Kaled ficou surpreso! Não esperava o resultado tão cedo; porém, quando se deu por conta da realidade, largou um sorriso lindo e deixou a emoção fluir; eu me aproximei muito emocionada; nos abraçamos vigorosamente, sabíamos que nossa união seria para todo o sempre. Vi no olhar de meus pais a felicidade; um amor multiplicado e sincero; agora formaríamos uma família verdadeira e completa.

Kaled, assim como nós, despediu-se de todos que lá estavam e agradeceu humildemente pelo tempo que tivera passado naquele local.

Com tudo organizado e dentro da lei, retornamos para casa. Nossa vida, agora seguia feliz, não mais em meio à desgraça, mas numa convivência fraterna dia após dia, onde todos podiam aprender e ensinar uns aos outros. Ajudávamos Kaled em suas limitações sempre que preciso, mas ele era muito forte e gostava de ser independente quando podia, frequentava a escola e enfrentava os obstáculos com muita coragem.

Minha história eu sigo, construindo passo a passo,  
detalhadamente, traçando e transformando um futuro melhor e  
em paz.

Eu sou Adara! Estou viva e isso é um milagre!

